

COLÉGIO PEDRO II

Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura

Programa de Residência Docente

Isabella de Mello Leite

**A ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NUMA
ESCOLA PÚBLICA DA BAIXADA FLUMINENSE**

Rio de Janeiro
2018



Isabella de Mello Leite

**A ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NUMA ESCOLA PÚBLICA
DA BAIXADA FLUMINENSE**

Produto Acadêmico Final apresentado ao Programa de Residência Docente, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Docência da Educação Básica na Disciplina de Anos Iniciais.

Coordenador: Camila Machado de Lima

Orientador/Supervisor: Renata Rezende Gondim

Campus de atuação no Colégio Pedro II: São Cristóvão I

Área/Disciplina: Anos Iniciais

Instituição de Origem: Escola Municipal Abílio Ribeiro – Prefeitura de Nova Iguaçu.

Rio de Janeiro

2018

COLÉGIO PEDRO II
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA
BIBLIOTECA PROFESSORA SILVIA BECHER
CATALOGAÇÃO NA FONTE

L533 Leite, Isabella Mello

A alfabetização de jovens e adultos numa escola pública da baixada fluminense / Isabella Mello Leite. - Rio de Janeiro, 2018.
39 f.

Produto Final (Especialização em Docência da Educação Básica na Disciplina Anos Iniciais do Ensino Fundamental) – Colégio Pedro II. Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura. Programa de Residência Docente.

Orientador: Renata Rezende Gondim.

1. Anos iniciais do ensino fundamental – Estudo e ensino. 2. Educação de jovens e adultos (EJA). 3. Alfabetização. 4. Análise linguística. I. Gondim, Renata Rezende. II. Colégio Pedro II. III. Título.

CDD: 372

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Simone Alves da Silva – CRB7 - 5692.

Isabella de Mello Leite

**A ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NUMA ESCOLA PÚBLICA
DA BAIXADA FLUMINENSE**

Produto final apresentado ao Programa de Residência Docente, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Docência da Educação Básica na Disciplina Anos Iniciais.

Aprovado em: ____/____/____.

Prof.^a M.^a Renata Rezende Gondim
Colégio Pedro II

Prof.^a M.^a Camila Machado de Lima
Colégio Pedro II

Prof.^a Dr.^a Carolina de Castro Nadaf Leal
Colégio Pedro II

Dedico especialmente este trabalho, as noites mal dormidas e as muitas horas de estudo, a minha família e ao meu noivo. Sou grata por todo apoio e incentivo dado! Meus maravilhosos alunos, mesmo quando eu era abatida pelo cansaço, eles me acolhiam e me animavam a prosseguir. Eles foram participantes ativos e a causa desse projeto! Sem eles não seria possível a realização deste estudo! Também sou grata a minha querida supervisora Renata Gondim, que sempre auxiliou e contribuiu de forma muito positiva para que eu conseguisse chegar ao final desse processo, sem seu apoio tudo seria muito mais difícil.

AGRADECIMENTOS

Ao Deus Pai, que nunca me abandonou e a Mãe Maria, que me cobre com seu Manto Sagrado, me livrando de todo mal e me sustentando nessa longa caminhada, que está apenas no começo.

Ao meu noivo Rodrigo Gomes, pelo companheirismo, força e cuidado durante todo processo.

Aos meus pais, pelo apoio de sempre em cada momento e pela formação humana e de vida.

À professora Renata Gondim, pela sua parceria incansável, como uma facilitadora incrível desse processo.

Aos feriados municipais, estaduais e nacionais, sem eles não teria tempo hábil para entregar!

Aos meus alunos e alunas, adultos, vividos, maravilhosos que contribuíram de forma majestosa para a realização deste trabalho. Aprendi tanto com vocês, muito mais do que eu um dia sonhei em ensinar!

*Onde quer que haja mulheres e homens há
sempre o que fazer, há sempre o que ensinar,
há sempre o que aprender.*

(Paulo Freire)

RESUMO

LEITE, Isabella Mello. **A Alfabetização de Jovens e Adultos numa Escola Pública da Baixada Fluminense**. 2018. 39f. Produto Acadêmico Final (Especialização em Docência da Educação Básica na Disciplina de Anos Iniciais) – Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura, Programa de Residência Docente, Rio de Janeiro, 2018.

Este projeto trata de um recorte de uma proposta pedagógica que teve como foco a ação integrada do aluno da EJA com a sociedade a partir da leitura e escrita, de modo que permitissem que esses alunos deixassem de ver os materiais escritos em circulação meramente como símbolos. As atividades pedagógicas desenvolvidas tiveram como objetivo principal a análise de unidades menores das palavras, que foram escolhidas a partir de projetos realizados com o grupo. O objetivo deste presente trabalho é *desenvolver atividades de estudo da língua escrita a partir de textos e palavras do cotidiano de estudantes da EJA*, possibilitando que se reconheçam enquanto pessoas capazes de aprender. A EJA é uma modalidade de ensino que integra jovens e adultos no espaço escolar e precisa garantir a qualificação, formar trabalhadores, encorajar e estimular, inovando e dando oportunidade de um novo ser. Nesse sentido, a necessidade de escrita de um projeto final para o Programa de Residência Docente do Colégio Pedro II possibilitou que importantes questionamentos pedagógicos se tornassem alvo de investigação: como alfabetizar jovens e adultos; que materiais utilizar; quais estratégias desenvolver. A partir da análise das produções de estudantes e das escolhas feitas ao longo do processo de ensino, pude enquanto professora e pesquisadora, olhar para os processos de aprendizagem e ensino e alterar minhas ações a partir das respostas dadas por estes jovens e adultos. Utilizou-se no presente estudo como metodologia de trabalho a abordagem qualitativa, que privilegia o aspecto subjetivo bem como descrição dos processos. A pesquisa inspirou-se também na pesquisa-ação. O público alvo foi 14 alunos da turma de II fase da Alfabetização numa escola pública de Cabuçu – Nova Iguaçu, RJ-Baixada Fluminense. A pesquisa aconteceu de junho de 2017 a abril de 2018, com registros fotográficos e descrição das aulas em caderno de campo. O presente trabalho me fez questionar sobre as possibilidades da EJA e seus desdobramentos, a falta de política pública, a situação desses alunos no espaço escolar, sobre seus interesses e desinteresses.

Palavras-chave: EJA. Alfabetização de Jovens e Adultos. Pesquisa-ação na EJA. Análise Linguística. EJA na Baixada Fluminense.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 OBJETIVOS	11
2.1 Objetivo Geral	11
2.2 Objetivos Específicos	11
3 JUSTIFICATIVA	12
4 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	16
5 PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS	21
6 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS	23
6.1 Identificação e leitura de palavras	23
6.2 Registro escrito	26
6.3 Análise linguística	28
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
REFERÊNCIAS	34
APÊNDICE A – MEMORIAL CIRCUNSTANCIADO	36

1 INTRODUÇÃO

O Brasil traz no seu contexto histórico um hiato entre propostas educacionais e a superação das desigualdades sociais, culturais e econômicas, que pode ser evidenciado no baixo nível de escolarização e nos altos índices de analfabetismo da população brasileira por exemplo.

Com o intuito de sanar a problemática do baixo nível de escolarização e o fantasma do analfabetismo da população brasileira a Educação de Jovens e Adultos (EJA) surgiu como proposta e objetivo de possibilitar a formação escolar desse público que esteve por anos à margem da sociedade letrada.

Nesse sentido, essa modalidade de ensino é direcionada aos sujeitos excluídos do sistema educacional, especificamente no segmento das camadas populares, que necessita de uma educação de qualidade, crítico-libertadora e permita a superação das situações de exclusão política e econômica.

A EJA tem demonstrado crescimento nos últimos anos, mesmo com toda política educacional sendo voltada para as classes regulares matutinas. Essa modalidade de ensino rompe com limites, antigamente impostos de idade, classe social, gênero, entre outros, e reúne em sala de aula todos que não tiveram acesso à educação da idade “adequada” e que ainda tem o interesse ou necessidade de estudar.

Por outro lado, de acordo com Garcia e Souza (2013) a produção de pesquisa sobre como os jovens e adultos aprendem a linguagem escrita se mostra ainda inexpressiva, configurando a ausência de um arcabouço teórico-metodológico próprio ao campo da EJA. As autoras revelam que “os referenciais utilizados na área têm sido aqueles oriundos de estudos com crianças.” (GARCIA; SOUZA, 2013, p. 198).

Neste sentido, torna-se necessário se pensar em metodologias educacionais que favoreçam o aprendizado da leitura e da escrita de estudantes da EJA, assim como de ações pedagógicas que atendam às suas necessidades de aprendizagem.

A proposta docente apresentada nesse trabalho parte do pressuposto de que a prática da sala de aula pode contribuir para elevação da autoestima do grupo discente e considera necessário a reflexão acerca da alfabetização desses adultos, que muitas das vezes estão há anos na escola, porém sem sucesso acadêmico.

Este projeto trata de um recorte de uma proposta pedagógica que teve como foco a ação integrada do aluno da EJA com a sociedade a partir da leitura e escrita, de modo que permitissem que esses alunos deixassem de ver os materiais escritos em circulação

meramente como símbolos. As atividades pedagógicas desenvolvidas tiveram como objetivo principal *a análise de unidades menores das palavras*, que foram escolhidas a partir de projetos realizados com o grupo num determinado período.

O grupo da EJA dessa investigação é formado por pessoas que criaram filhos e netos, que não se consideram úteis para a sociedade letrada e que em muita das vezes envergonham-se por não conseguirem pegar um ônibus, ler uma receita ou saber, por exemplo, se o remédio que comprou está certo. Sujeitos que diariamente se esforçam para chegar até a escola, que passaram o dia trabalhando ou em busca de um emprego e que em seu cotidiano enfrentam as dificuldades de quem ainda não está alfabetizado. Defender a alfabetização dessas pessoas é mostrar a eles outras possibilidades de agir e estar no mundo.

O processo de aprendizagem na alfabetização de adultos está envolvido na prática de ler, de interpretar o que leem, de escrever, de contar, de aumentar os conhecimentos que já têm e de conhecer o que ainda não conhecem, para melhor interpretar o que acontece na nossa realidade (FREIRE, 1989, p. 49).

Entende-se que a reflexão e registro do processo de ensino e aprendizagem permite ao professor reconhecer o caminho percorrido por seu grupo de alunos e desta forma compreender melhor o modo como se apropriam do sistema de escrita alfabética, assim como dos usos sociais da escrita.

Deste modo, ainda se faz urgente a manutenção das discussões e reflexões acerca da alfabetização na EJA no primeiro segmento, num município em Nova Iguaçu, Baixada Fluminense do Rio de Janeiro.

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral

O objetivo deste presente trabalho é *desenvolver atividades de estudo da língua escrita a partir de textos e palavras do cotidiano de estudantes da EJA*, possibilitando que se reconheçam enquanto pessoas capazes de aprender.

2.2 Objetivos Específicos

- Observar a função da escrita em diferentes contextos a partir de atividades em sala de aula.
- Construir um repertório pessoal de informações a respeito da língua escrita.
- Despertar o interesse e gosto pela leitura e escrita a partir de situações significativas para o grupo de alunos.
- Proporcionar momentos de integração e realização de atividades que os alunos dominam a partir da análise linguística.

3 JUSTIFICATIVA

Meu nome é Isabella de Mello Leite, 27 anos, moradora de Queimados, baixada fluminense do Rio de Janeiro. Sou filha primogênita dos meus pais. Meu pai é funcionário público federal e minha mãe funcionária pública municipal, tendo sido bancária por muitos anos. Minha família, em sua grande maioria, é composta por professores, moradores da Baixada Fluminense. Recebi uma educação que considero heterodoxa, pois fui alfabetizada pelas minhas avós em casa antes mesmo de ir à escola.

Em toda minha trajetória de formação pude ter a experiência de diversas leituras e reconhecer a importância de estudar, pois tinha um exemplo muito importante em casa, meu pai, que me incentivava a buscar uma vida acadêmica. Sou a neta mais velha da família, cresci com meus quatro avós e uma bisavó. Sinto que a presença e palavras dessas pessoas influenciaram na forma como eu me colocava no mundo hoje. Tive uma criação muito questionadora, buscava resposta para os meus “porquês” e obtinha muitas respostas, sempre fui ouvida e pude da mesma forma dizer o que sentia e sabia.

Em 2013, me formei como Pedagoga pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ. Em seguida, me especializei em Gestão e Planejamento Educacional pela Universidade Candido Mendes – UCAM (2014). Nos dois trabalhos de conclusão de curso, tratei da introdução da Gestão Democrática nas Escolas Públicas da Baixada Fluminense, lugar que ainda hoje trás resquícios de uma política com características coronelista, principalmente no âmbito educacional.

No ano de 2011, assumi uma turma de alfabetização na Prefeitura Municipal de Queimados e em 2012 passei para o Concurso de Professor II da Prefeitura de Nova Iguaçu. Nesse período, me dediquei aos estudos relacionados à área de Alfabetização e Letramento. Também participei do programa de formação do PRO-LETRAMENTO em Linguagens e Alfabetização Matemática e do PACTO NACIONAL DE ALFABETIZAÇÃO NA IDADE CERTA (PNAIC¹), ministrados pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) em parceria com a Secretaria de Educação.

No início do ano de 2015 fui convidada para ser Orientadora Pedagógica de uma Escola de Campo de Nova Iguaçu e em 2016 comecei a cursar Licenciatura em Educação

¹ Programa que busca diminuir os índices de analfabetismo no país. Compromisso federal com os municípios e estados de formação continuada para os professores das turmas de 1º a 3º ano do ciclo do ensino fundamental, para assegurar que todas as crianças estejam alfabetizadas até os oito anos de idade no final do 3º ano do ciclo de alfabetização.

no Campo pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), com o intuito de compreender alguns questionamentos oriundos de minha prática pedagógica.

Em 2017, participei de dois cursos de especialização em Educação Especial, um na UFRJ gerenciada pelo LAPEADE (Laboratório de Pesquisa, Estudos e Apoio à Participação e à Diversidade em Educação) com foco nas leis e na Cultura da Inclusão e outro na UFRRJ e outro pelo OBEE- RJ (Observatório de Educação Especial e Inclusão Educacional) com ênfase nos estudos da prática docente. Em ambos, pude sentir o quanto ainda precisamos falar sobre educação, currículo, formação continuada e formação de professores. Identifiquei que esses eixos perpassam meus estudos e se desdobram em muitos temas que ainda precisam ser debatidos em muitos espaços em que atuo.

No mesmo ano, participei do Programa de Residência Docente do Colégio Pedro II. Em 2018, ingressei no Mestrado em Educação pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), na linha de pesquisa Contextos Contemporâneos e Demandas Populares. A linha de pesquisa do grupo que faço parte trata das Desigualdades Sociais e Políticas Educacionais e minha pesquisa tem como objeto de estudo a alfabetização – ou a não alfabetização - dos alunos das escolas do campo do município de Nova Iguaçu. Nesse mesmo ano em que ingressei no mestrado, iniciei uma experiência como professora e formadora do Pacto pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC).

Desde então, sou professora da Rede Pública de Ensino há sete anos. Em Queimados, durante cinco anos estive como professora do ciclo, considerando-me professora Alfabetizadora. Nessa mesma rede de ensino, em meu segundo ano de docência e devido a bons resultados da minha turma, recebi um convite da direção da escola e assumi o cargo de Orientadora Pedagógica. Em Nova Iguaçu, tive a oportunidade de atuar em escolas afastadas do centro, consideradas Escolas Rurais, que atualmente são reconhecidas como Escolas do Campo pelo MEC (Ministério da Educação), devido ao difícil acesso. Em ambos os espaços escolares enfrentamos a falta de apoio do poder público, bem como ausência dos serviços básicos essenciais, como, por exemplo, postos de saúde.

Considero que minha formação inicial e continuada me permitiu ter novos olhares sobre a alfabetização de alunos, que em inúmeras situações são *chamados de incapazes*. Alunos estes que têm sido responsabilizados pela sua *não alfabetização*. Meus recentes estudos e minhas inquietações pedagógicas giram em torno da alfabetização desses alunos. Observo que a dificuldade maior está na aprendizagem de conteúdos relacionados à leitura e escrita. Tenho refletido em: como alfabetizar esses alunos que resistem em

participar de atividades comuns de sala, como leitura de livros e escrita de textos? Como ensinar o sistema de escrita alfabética? Que textos produzir com esses alunos?

Durante o último semestre 2017, tive uma turma de adultos já inseridos na escola por mais de três anos e que ainda não estavam alfabetizados, bem como jovens que abandonaram a escola e ficaram anos sem estudar, e, que por algum motivo, resolveram lhe dar essa oportunidade novamente. Alunos que ainda não escreviam e nem reconheciam seu nome, não conheciam as letras do alfabeto, nem os números utilizados em seu dia a dia, assim como os meses do ano, sua data de nascimento e idade. Estes eram alunos tinham dificuldades até em falar sobre si, em dizer quem eles eram.

Quando tive a oportunidade de trabalhar com a EJA, não imaginei o quão desafiador seria. As demandas e desafios cotidianos me levaram a repensar a alfabetização a partir do cotidiano dos jovens e dos adultos. Se alfabetizar crianças com pouco acesso às informações já era um desafio, ensinar os adultos com trajetórias escolares e histórias diversas tornou-se desesperador.

Após diversas mudanças e revisões em minha prática pedagógica durante o trabalho realizado com esse grupo, decidi reorganizar minhas ações pedagógicas dando ênfase na análise linguística e no desenvolvimento da consciência fonológica discente. Todo trabalho com esse grupo foi organizado a partir de situações problemas do cotidiano e de projetos que versavam sobre a identidade pessoal e social.

Haddad e Di Pierro (2000, p. 118) afirmam que a “EJA não tem apenas a finalidade de promover o ensino e aprendizagem da leitura e escrita, mas também a valorização dessas pessoas, proporcionando a formação de pessoas críticas através do ensino”.

Dessa forma, a EJA é um caminho para integrar jovens e adultos no espaço escolar. Cabe ao professor que atua nessa modalidade, orientar o grupo sobre seus direitos, investir na potencialidade do grupo, indo além dos muros da escola, para que estes estudantes possam ser protagonistas da sua própria história. A EJA precisa garantir a qualificação, formar trabalhadores, encorajar e estimular, inovando e dando oportunidade de um novo ser.

Nesse sentido, a necessidade de escrita de um projeto final para o Programa de Residência Docente do Colégio Pedro II, possibilitou que importantes questionamentos pedagógicos em como alfabetizar jovens e adultos, que materiais utilizar, quais estratégias desenvolver se tornassem alvo de investigação.

A partir da análise das produções desses estudantes e das escolhas feitas por mim ao longo do processo de ensino, pude enquanto professora e pesquisadora, olhar para os processos de aprendizagem e ensino e alterar minhas ações a partir das respostas dadas por estes jovens e adultos.

Considero que esse trabalho apresenta relevância teórica e prática e contribuições para o ensino na modalidade EJA porque apresenta parte de um trabalho realizado em parceria com os alunos e alunas de uma turma. A proposta de trabalho foi desenvolvida a partir do interesse do grupo e apresenta dados que dizem sobre os processos de apropriação da leitura e escrita de adultos e jovens.

4 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Na história da Educação Brasileira, a educação básica de adultos, tem seu marco a partir da década de 30, quando se consolida um sistema público de educação elementar no país. Durante o período da Revolução Industrial, a sociedade brasileira passava por grandes transformações, diretamente ligada ao processo de industrialização e a migração populacional para os centros urbanos.

A modalidade de ensino da Educação de Jovens e Adultos foi criada para beneficiar jovens e adultos que não puderam, por motivos diversos, estudar na idade adequada. De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) nº. 9.394/96: “A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou oportunidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria” (BRASIL, 1996, p. 13).

A EJA é uma modalidade de ensino que ainda precisa ser vista de forma especial, pois ainda são muitos os jovens e adultos que não concluíram seus estudos na idade apropriada. Também necessita ser alvo de políticas públicas, formação e pesquisa, o que reitera essa ausência é a Base Nacional Comum Curricular (BNCC – 2018) que em momento nenhum contempla as turmas de EJA.

É necessário que o professor além de reflexivo, elabore novas estratégias de ensino com metodologias específicas visando chamar a atenção desses discentes, que não são crianças, nem adolescentes e não gostariam que fossem tratados como tais, tentando aproximar ao máximo de sua realidade e seu cotidiano, para que a escola possa ter função social na vida deles.

É sabido que, o alunado que frequenta a EJA nos primeiros ciclos, não é alfabetizado ou possuem pouco domínio sobre a leitura e a escrita, todavia vivenciam diferentes formas de interação com a escrita e a leitura em seu cotidiano. Nesse sentido, destaca-se a importância de alfabetizar e letrar de forma coerente e pertinente as vivências sociais, de maneira significativa.

Para ler o que os outros produzem ou produziram, para circular com maior autonomia pelos espaços permeados pela língua escrita e se conquistar a capacidade de *dizer por escrito*, é preciso se apropriar do sistema de escrita alfabética. De acordo com Ferreiro (2011, p. 54) “[...] alguém que pode colocar no papel suas próprias palavras é alguém que não tem medo de falar em voz alta”.

No município em que foi realizado esse estudo, dificilmente um professor recém-concursado consegue vaga nesta modalidade, normalmente são professores que atuaram por alguns anos do Ensino Fundamental que no final próximo ao final da carreira vão lecionar nas turmas de Jovens e Adultos.

Além disso, na EJA, esses profissionais que já atuaram como alfabetizadores nas séries iniciais do Ensino Fundamental, na tentativa de responder a perguntas e aos questionamentos oriundos dos alunos, adaptam seus métodos e posturas, criando e diversificando estratégias para o ensino da leitura e escrita. O cotidiano docente é permeado por muitos questionamentos: Como alfabetizar jovens e adultos? Como adequar o conteúdo previsto escolar às necessidades do grupo? Quais são as especificidades dessa faixa etária?

Não basta lançar conteúdos aleatórios sem sentido para a vida do aluno, é necessário mais ainda valorizar a sua experiência cotidiana, utilizando conhecimentos prévios e saberes adquiridos ao longo da vida. Nesse contexto, é preciso que o professor reveja suas práticas pedagógicas que auxiliem no trabalho com a leitura e a escrita. Para Teles e Soares (2016, p. 89):

O docente não poderá desenvolver seu trabalho utilizando as mesmas estratégias que são realizadas com as crianças em processo de alfabetização, e alfabetizar jovens e adultos, é um dos principais motivos para a evasão, por se sentirem desmotivados com os recursos utilizados em sala de aula, como por exemplo: os livros que são usados na alfabetização de crianças.

Pinto (1991, p. 86) argumenta sobre o problema de utilizar metodologias inadequadas:

O problema do método é capital na educação de adultos. Nesta fase é um problema muito mais difícil que na instrução infantil, porque se trata de instruir pessoas já dotadas de uma consciência formada, com hábitos de vida e situação de trabalho que não podem ser arbitrariamente modificados. As características fundamentais que devem satisfazer o método são as seguintes: deve ser tal que desperte no adulto a consciência da necessidade de instruir-se e de alfabetizar-se. Deve partir dos elementos que compõem a realidade autêntica do educando, seu mundo de trabalho, suas relações sociais, suas crenças, valores, gostos artísticos. O método não deve ser imposto ao aluno, e sim criado por ele no convívio do trabalho educativo com o educador.

O autor reitera que o problema do método na educação de adultos é mais difícil, porque muitos professores tentam infantilizar esses estudantes e não levam em consideração que são pessoas que possuem experiência de vida; que trabalham; constituíram família e que já tem uma opinião formada.

Com relação ao ensino na EJA, Freire (2013) defendia que a metodologia utilizada em sala de aula pelo professor, deveria ser baseada na realidade do educando, considerando toda sua história e experiências de vida.

Portanto, é mais do que necessário que as práticas de alfabetização e letramento promovam o desenvolvimento de habilidades para que os alunos possam se inserir com autonomia em práticas de leitura, interpretação e produção de diversos textos, tendo o professor um papel fundamental de inseri-los em práticas de leitura e escrita, desenvolvendo e aguçando o senso crítico e sua emancipação.

Na proposta do Patrono da Educação Brasileira, Paulo Freire, a alfabetização de jovens e adultos é uma alfabetização crítica, baseada na interação, mediação e no diálogo, excluindo qualquer possibilidade de ter como prática pedagógica o processo mecânico baseado em métodos repetitivos e tradicionais. Quanto ao processo de aquisição da leitura e da escrita por jovens e adultos, o autor enfatiza sua rejeição o aspecto mecânico e critica a ênfase dada à repetição.

A concepção crítica da alfabetização não será feita a partir da mera repetição mecânica de pa-pe-pi-po- -pu, la-le-li-lo-lu que permitem formar pula, pelo, lá, li, pulo etc., mas através de um processo de busca, de criação em que os alfabetizados são desafiados a perceber a significação profunda da linguagem e da palavra (FREIRE, 1991, p. 16).

Freire (2011) não criou uma técnica de alfabetização, mas um método coerente com reflexões e posicionamento teórico que leva o aluno a pensar crítica e reflexivamente, afirmando que:

O papel do educador não é só ensinar os conteúdos básicos, mas dar oportunidades ao educando tornar-se crítico e através da leitura compreender o que acontece no seu meio, não apenas ler sem um contexto, tornando-se uma leitura mecânica (FREIRE, 2011, p. 27).

Nesse sentido, o professor da EJA necessita refletir sobre sua prática pedagógica e as metodologias que poderá utilizar para contribuir com o processo de apropriação da leitura e escrita, identificando as dificuldades apresentadas pelo grupo. Dessa forma, é essencial que o aluno da EJA seja letrado, tendo a leitura e a escrita como práticas sociais. Para Teles e Soares (2016, p. 94):

A leitura e a escrita serão práticas sociais constantes na vida dos educandos da EJA quando o professor por meio de sua prática pedagógica possibilitar a inserção desses alunos no mundo cultural da leitura e da escrita. Formando discentes que sejam capazes de ir além de uma decifração da escrita, que

saibam ler o que está nas entrelinhas, entendendo, questionando e criticando o que lhes está exposto.

Paulo Freire inspirou com seu pensamento pedagógico e sua proposta para a alfabetização de adultos os principais programas de alfabetização e educação popular que se realizaram no país no início dos anos 60. Essas práticas se baseavam num novo entendimento sobre as questões educacionais e sua relação com a problemática social.

Apontado como causa da pobreza e da marginalização, o analfabetismo foi apontado pós Freire como efeito da situação de pobreza formada por uma estrutura social discriminatória e não igualitária. Nesse cenário, como pressuposto, cabia ao processo educativo a interferência direta na estrutura social, responsável pela reprodução e produção do analfabetismo.

A alfabetização de adultos deveria ser feita a partir de um exame crítico e reflexivo da realidade dos alunos, para que surgissem as possibilidades de superação de seus problemas. Freire propunha uma ação educativa que não negasse sua cultura, mas que a fosse transformando através do diálogo. Paulo Freire elaborou uma proposta de alfabetização de adultos conscientizadora, cujo princípio básico pode ser traduzido em uma de suas célebres frases: “A leitura do mundo precede a leitura da palavra”.

De acordo com Arroyo (2005) a educação de jovens e adultos deve partir, de acordo com o autor, da especificidade dos tempos de vida. Tendo como ponto de partida a pergunta: Quem são esses alunos? Deixando de lado, o olhar de alunos evadidos, defasados, fracassados. A necessidade é vermos como alunos que foram privados, por diversos motivos, de um direito universal e que milhões ainda estão a margem desse direito, tendo sido ceifados a oportunidade de acesso a “esses níveis não cursados no tempo tido em nossa tradição como oportuno para a escolarização” (ARROYO, 2005, p. 23).

É mais do que necessário, fazer com que esses jovens sejam e sintam-se como protagonistas, vendo suas trajetórias humanas e não negando o direito de ser jovem, pois, já foram negados diversos direitos.

Arroyo (2005, p. 26) considera a EJA como “remédio para suprir carências” e trilhando esse caminho, pode-se observar o olhar negativo sobre a juventude popular. Outro fator importante levantado por Arroyo são as características do público-alvo da EJA: *jovens pobres, desempregados, negros, no limite da sobrevivência*. E isso nos remete a refletir que essas pessoas não tiveram acesso aos estudos por já haver um

problema social antes dos problemas na educação. Problemas esses, que caracterizam grupos, impossibilitam e excluem pessoas desse direito à educação.

Artur Gomes de Moraes, em sua entrevista para o Portal do MEC em 2009, afirma que alfabetização é um processo complexo, que não se conclui em um ano letivo, para ele passa-se a considerar alfabetizado o indivíduo que não só domina o sistema de escrita alfabética (SEA), capaz de escrever ou ler palavrinhas, mas o sujeito que consegue, sozinho, ler, compreender e produzir textos dos gêneros escritos com os quais teve oportunidade de conviver. Para Moraes (2009) uma alfabetização de qualidade é aquela que, permite ao aprendiz viver uma curiosa e prazerosa experiência com os gêneros textuais escritos e com as palavras que estão no mundo.

O autor, em sua entrevista fala sobre a alfabetização de crianças, porém, suas ideias serão de suma importância para a reflexão acerca da alfabetização de alunos da EJA.

De acordo com o entrevistado é necessário que se garanta para todos meninos e meninas pobres, tal como acontece na classe média, a vivência na escola com jogos e situações lúdicas de reflexão sobre palavras, assim como a participação em rodas de leitura e de escrita coletiva de textos, nas quais vão desenvolvendo habilidades de compreensão leitora e de produção de textos. Para Moraes a importância disso está em assegurar a democratização do acesso ao mundo da escrita e acabar com o fracasso que só atinge os filhos das camadas pobres.

O autor ainda afirma que nem a escola, nem o professor possuem a preocupação de entender o motivo pelo qual o aluno escreveu de uma ou outra forma e desse modo, acabam não utilizando os erros como situações de aprendizagem, punindo-os e gerando situações de cópias por exemplo.

A partir dessas reflexões as propostas pedagógicas com os alunos da EJA nesse estudo serão desenvolvidas a partir de situações problemas, que serão contextualizadas, a fim de apresentar o erro como uma possibilidade para evolução no processo de alfabetização, na perspectiva de alfabetização como um processo contínuo de desenvolvimento de habilidades.

Dessa forma, a partir das questões e discussões apresentadas, esse trabalho analisará os processos de ensino e aprendizagem com foco na apropriação do sistema de escrita alfabética, desenvolvendo atividades de estudo da língua escrita a partir de textos e palavras do cotidiano de estudantes da EJA, possibilitando que se reconheçam enquanto pessoas capazes de aprender.

5 PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS

Utilizou-se no presente estudo como metodologia de trabalho a abordagem qualitativa, que privilegia o aspecto subjetivo bem como descrição dos processos. Para Moreira e Caleffe (2008) a pesquisa de cunho qualitativo explora características dos indivíduos e cenários sociais que não podem ser descritos facilmente por meio de números.

O presente trabalho inspirou-se também na pesquisa-ação que pode ser definida como “a intervenção em pequena escala no mundo real e um exame muito de perto dos efeitos dessa intervenção” (MOREIRA; CALEFFE, 2008, p. 89-90). A pesquisa-ação, nesse sentido, pode promover a participação de integrantes do contexto escolar na busca de solução para os seus problemas, inserindo o pesquisador no campo investigado, tornando-o parte do universo da pesquisa de campo.

Moreira e Caleffe (2008) ao denominarem o professor como pesquisador, defendem que as definições do professor na sala de aula dependem diretamente de seu conhecimento gerado na pesquisa de sua própria prática e que “essa ação permite aos professores a reflexão, a prática reflexiva e a pesquisa” (MOREIRA; CALEFFE, 2008, p. 12). Sendo assim, essa tríade é considerada como um dos elementos fundamentais no desenvolvimento profissional dos professores de acordo com os autores.

O público alvo desse presente trabalho é de 14 alunos da turma de II fase da Alfabetização numa escola pública de Cabuçu – Nova Iguaçu, RJ- Baixada Fluminense. Essa turma é composta por 4 meninos (de 20 a 38 anos) e 10 meninas (de 19 a 68 anos). A escola possui um total de 9 salas, sendo utilizadas até o final de 2017 apenas 6 no período noturno, uma quadra e biblioteca, que durante a noite não é utilizada.

Em 2018, por motivo de fechamento de turmas de EJA nas escolas do bairro de Cabuçu, essa escola recebeu muitas matrículas, havendo necessidade de abertura de uma nova turma de I fase da EJA. Atualmente, o grupo discente é composto por mais 200 alunos matriculados no período noturno.

Com relação ao grupo docente, sete professoras regentes atuam na EJA, mas nenhuma possui especialização nesta modalidade de ensino. Em março deste ano, uma professora bilíngue passou a integrar o grupo para acompanhar um aluno surdo. A equipe pedagógica também não possui encontros com coordenação pedagógica ou nenhum tipo de orientação ou formação promovida pela Secretaria de Educação.

Identifica-se no grupo em que foi desenvolvido o estudo a presença de alunos com

dificuldades de aprendizagem, ou algum transtorno e até mesmo algum tipo de deficiência, porém, nunca tiveram a oportunidade de serem avaliados pelo sistema de saúde e aprenderam a conviver com suas dificuldades e levando a vida dentro de suas possibilidades. Alguns dirigem, mas nunca conseguiram tirar carteira. Outros trabalham, mas tem dificuldade no retorno para casa, pois não leem os nomes dos ônibus. Parte está desempregada, por não saber ler e escrever e alguns nem tentam emprego por questões sociais e acreditarem que não são capazes de consegui-lo. Nessa perspectiva, nos deparamos com a realidade da educação especial na EJA e ao que parece evidenciar os apontamentos de Pletsch (2012, p. 39) em suas investigações:

[...] a partir de nossas análises, já podemos sinalizar que o número de alunos com deficiências matriculadas em turmas de “EJA especial” vem aumentando em praticamente todas as redes que pesquisamos. Por meio desse expediente, as redes camuflam a realidade e criam alternativas para manter espaços segregados não previstos na legislação.

O presente estudo aconteceu de junho de 2017 a abril de 2018, com registros fotográficos e em caderno de campo. Os materiais utilizados foram preparados a partir do plano de curso feito para a turma, visando sanar algumas dificuldades de aprendizagem da leitura e escrita.

Os alunos participantes desse estudo estavam cientes do trabalho que seria realizado. As atividades foram planejadas para auxiliar o trabalho de análise das palavras com o grupo, buscando auxiliar a relação “som-imagem-letra”. Todas as atividades partiram do princípio de que era necessário compreender os sons para que após isso, se fizesse a relação com as imagens e as letras das unidades utilizadas. Vale ressaltar também, que as atividades descritas aqui, foram um recorte desse processo desses nove meses de trabalho, tendo tido erros e acertos nas propostas oferecidas a eles.

Todas as atividades realizadas ao longo do estudo foram entregues aos alunos. A correção das fichas de trabalho foi feita com o grupo de alunos, mostrando as novas possibilidades. O caderno de campo e os registros fotográficos serviram para rever a metodologia de trabalho e registrar as atividades que estavam dando ou não certo.

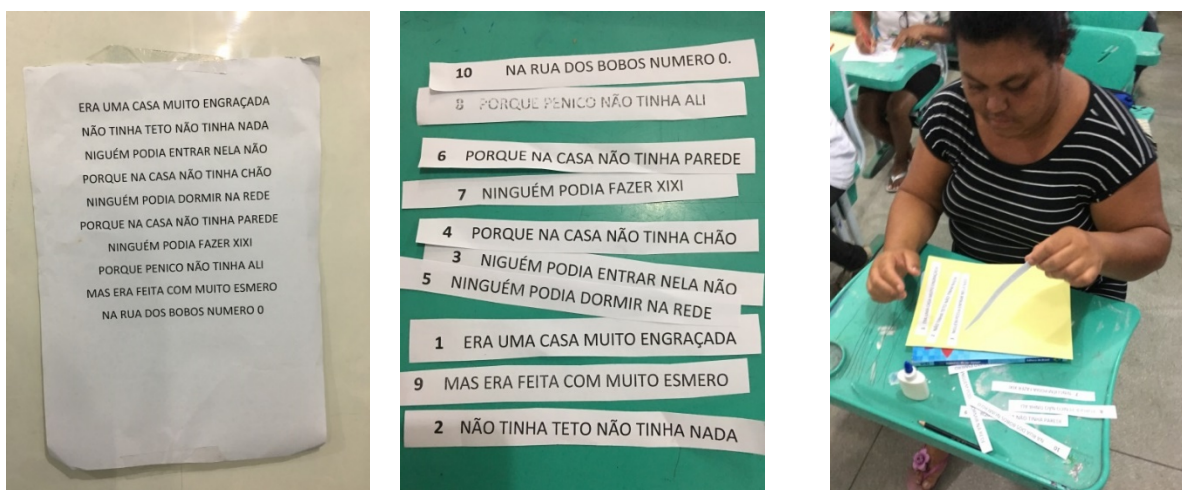
6 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS

No período de junho de 2017 a abril de 2018 foi realizado numa turma da EJA uma sequência de atividades pedagógicas que foram objetos de análise no presente estudo. A proposta pedagógica foi composta por três atividades que tiveram como tema gerador a CASA. Em ambas as atividades, foram trabalhadas a análise linguística das palavras e a forma como eram representadas. Esse projeto teve como um dos objetivos a observação de como cada aluno aprendia sobre a língua a escrita.

6.1 Identificação e leitura de palavras

A primeira atividade realizada teve como objetivo principal a identificação da palavra CASA numa música conhecida pelo grupo. Após ter sido lida e cantada pelos alunos, ela ficou exposta no quadro num cartaz e, para alguns alunos com baixa visão, impressa na sua mesa. A atividade aconteceu em dois momentos. Primeiro foi pedido que os alunos colassem a música com as estrofes numeradas. Em seguida, fizemos a mesma atividade sem os números, o que gerou muita confusão, pois a música inicia com diversas palavras iguais. Nenhum dos alunos conseguiu colocar a música na ordem correta. Para Freire (1989) é necessário entender que as barreiras vão aparecer, mas temos que enfrentá-las com coragem até ultrapassá-las, e só após tal gesto perceberemos o quanto somos capazes de atingir um conhecimento jamais imaginado por nós mesmos. Depois conversamos sobre a atividade e eles conversaram sobre o motivo do “erro”. Seguem alguns registros:

Figura 1 - Atividade realizada no dia 09 de agosto



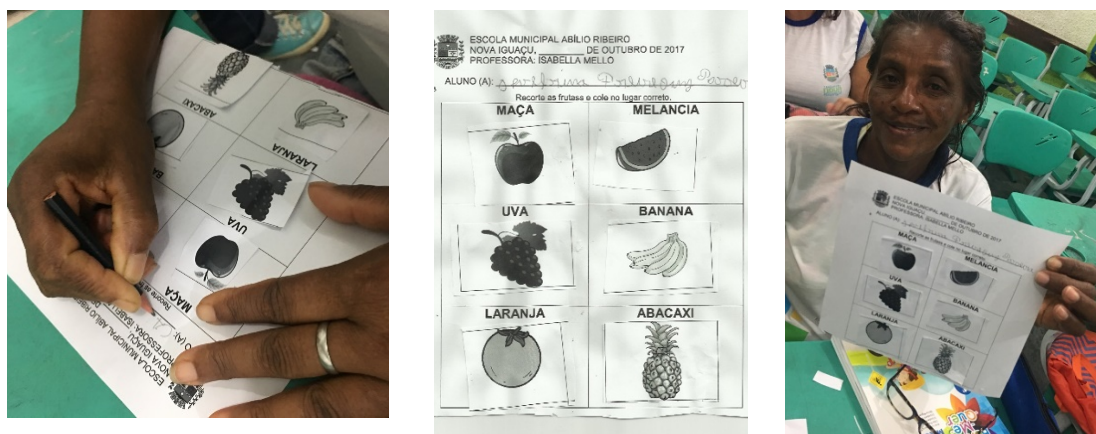
Fonte: O autor, 2018.

De um modo geral, os alunos realizaram uma leitura global das estrofes, buscando reconhecer e identificar palavras iguais através de comparações. Avalio que o texto utilizado não foi o mais adequado, pois gerou muitas dúvidas durante a ordenação das estrofes, pois algumas palavras se repetiam no início. Por esse motivo, não foi dada sequência as outras etapas que previam a identificação numérica e análise de palavras. Por esses motivos, considero que os objetivos foram parcialmente alcançados visto que os alunos apresentaram muitas dificuldades na realização da atividade.

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses quefazer se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade. (FREIRE, 2011. p. 31).

Após essa atividade dando sequência ao tema Casa, trabalhamos o espaço físico das residências com foco nos cômodos e objetos que compunham os ambientes. O grupo optou por descrever a cozinha, pois foi o local que eles nomearam uma quantidade maior de elementos do espaço. Moraes (2009) afirma a necessidade da sondagem do professor para com aluno, para que, sejam diagnosticadas as dificuldades e conseqüentemente trabalhar no que é válido. Aproximando da realidade dos alunos e tornando aulas mais enriquecidas e disponíveis para dúvidas e curiosidades, por esse motivo, todo nosso registro de trabalho aconteceu no contexto da casa. Para esse registro, inicialmente os alunos identificaram as frutas que eram armazenadas na cozinha. Num segundo momento, uma aluna sugeriu que realizássemos uma salada de frutas.

Figura 2 - Identificação das frutas



Fonte: O autor, 2018.

A partir dos nomes das frutas, realizamos uma lista alfabética das frutas conhecidas pelo grupo, esse trabalho foi muito interessante, pois eles tinham grandes experiências com as frutas e os nomes, essa atividade demorou, pois a cada fruta que eles incluíam na lista apresentavam opções de doces ou algum alimento com a mesma. Depois foi realizada uma ficha em que os alunos teriam que recortar as imagens das figuras e colar no nome correto. Nesse caso era necessário observar a letra inicial para saber que frutas poderiam começar daquele modo.

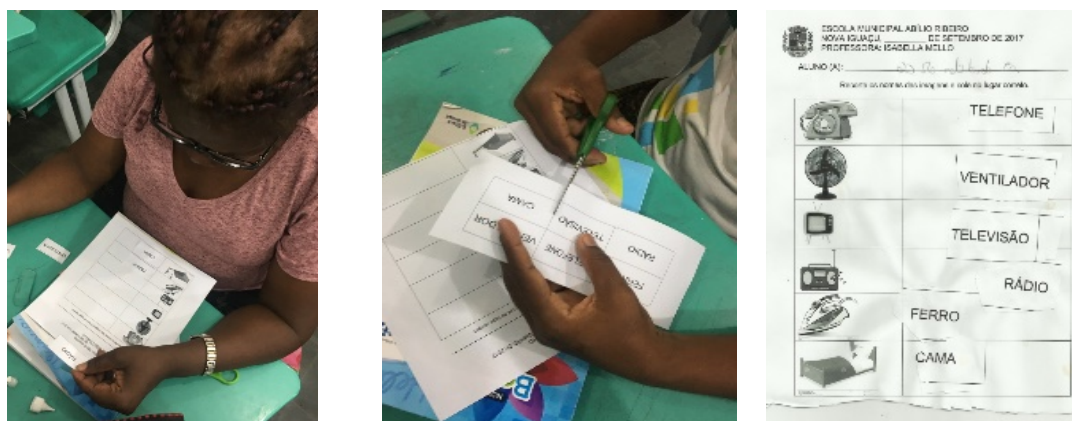
A atividade foi ótima, todos os alunos realizaram a atividade com sucesso. Como a palavra *maçã* e *melancia* iniciavam com a mesma letra, alguns alunos que ainda estão nas hipóteses iniciais de apropriação do sistema de escrita alfabética, usaram como estratégia para identificação da palavra a relação tamanho da fruta versus tamanho da palavra. Essa atividade me fez refletir sobre as concepções da leitura e escrita, pois não sabia que na alfabetização de adultos, alguns estabeleciam algumas relações entre registro da palavra e dimensões de objetos semelhantes a crianças.

Moraes (2009), afirma que quando a escola trabalha com apenas com a correção de erros, ela contribui para a manutenção dos preconceitos linguísticos, pois não questiona os critérios que levam as pessoas a acreditarem que certas formas de usar a língua são as únicas legítimas, nesse sentido reitero a importância desse trabalho para com os alunos. Tendo sido de extrema importância para conhecer e identificar dificuldades e saná-las durante o processo.

Levando todo processo em consideração, continuamos ainda com a CASA como tema gerador, iniciamos uma lista de utensílios domésticos que não poderiam faltar numa casa. Trabalhamos com encartes de algumas lojas conhecidas por eles, para que pudessem ver os preços e brincar de compras.

Nesta atividade registrada os alunos deveriam identificar as figuras e procurar os nomes dos utensílios e colar no local indicado. Percebi que trabalhar com as realidades, encartes, objetos domésticos, fazia com que os alunos pudessem aproximar-se do mundo letrado. O grupo identificou que os objetos que usamos podem ser escritos com letras. Avalio a partir dessa atividade os alunos demonstraram um maior interesse em escrever, porém para uma escrita autônoma, os alunos ainda demonstravam muita insegurança. No que se refere a leitura, por vezes, parte dos estudantes realizavam através de hipóteses, identificando a letra inicial ou outras letras presentes na palavra.

Figura 3 - Atividade de identificação do nome de objetos



Fonte: O autor, 2018.

6.2 Registro escrito

Nosso trabalho desde o final do primeiro semestre de 2017 até o primeiro semestre de 2018 foi baseado na lista de palavras de um mesmo campo semântico. No final do primeiro semestre, montamos um alfabetário com objetos de casa.

A turma se reuniu e escreveram uma lista de A à Z com utensílios domésticos, tendo o professor como escriba, conforme falavam as palavras eu perguntava qual era o som e letra inicial. Essa atividade foi desdobramento de uma semana de atividades sobre a cozinha em que trabalhamos com receitas escrita e oral, alimentos não perecíveis, frutas e utensílios domésticos.

Durante o processo novas demandas foram surgindo, foi necessário apresentar outras formas de escrita, visto que os alunos ainda encontravam com muita insegurança ao escrever. Para Moraes (2009) ao produzirem textos e apresentarem dúvidas sobre a grafia das palavras, é necessário que o professor os auxilie apresentando as normas e refletindo sobre a Língua Portuguesa para que dessa forma, possa ser feito uma análise das dificuldades em geral.

A atividade a seguir surgiu para integrar três alunos que não participavam das atividades propostas. São alunos bem mais novos que o grupo, que nunca estudaram e preferiam ficar no celular, ouvindo música ou fora de sala com alguns outros alunos de outras turmas, gerando problemas para a escola. Para Freire (2011, p. 82), “[...] o bom clima pedagógico-democrático é o em que o educando vai aprendendo, a custa de sua prática”.

A partir de um questionamento meu, sobre como eles se comunicavam no *whatsapp*, propus a escrita de um texto com os *emotions* do aplicativo. No primeiro momento, busquei falar do uso das mídias e de como usamos no nosso dia a dia, questionei como esse uso estava acontecendo e quais eram os pontos positivos e negativos. Em seguida fizemos um levantamento de quantas pessoas usavam o *whatsapp*, trabalhando com gráficos e tabelas. Os alunos que tinham acesso ao aplicativo informaram que para a comunicação utilizavam áudios e/ou desenhos e quando recebiam alguma imagem com texto escrito ou apenas o texto, eles pediam a algum leitor para fazer essa leitura. Num outro momento, apresentei as cartelas de *emotions* e perguntei em quais situações eles utilizariam cada símbolo. Entreguei a folha em branco e uma cartela e propus a escrita de um texto livre.

Figura 4 - Produção de texto com *emotions* realizada em 18 de outubro



Fonte: O autor, 2018.

Nesta atividade os alunos tiveram muitas dificuldades. Acredito que ficaram perdidos com a quantidade de *emotions* na folha. Muitos também não tinham acesso ao aplicativo. Numa próxima proposta vou reformular e adaptar o material utilizado e adequar ao tema de trabalho.

Algumas senhoras – que não tem o hábito de utilizar o celular ou que nunca utilizaram – ficaram um pouco perdidas e foram colando “coisas que gostam” na folha, o que não deixa de ser uma produção textual e que superou as minhas expectativas, pois fiquei surpresa com resposta da atividade. Para Freire (2011) “uma pedagogia da autonomia tem de estar centrada em experiências estimuladoras da decisão e da responsabilidade, vale dizer, em experiências respeitadas de liberdade”.

Na proposta inicial, cada aluno falava e apresentava o que escreveu, porém, devido a vergonha, apenas mostraram para a professora. Com unanimidade, todos gostaram muito da atividade. A partir dela pude começar a compreender como cada aluno pensa e como formulam suas ideias para falar ou escrever. Conheci também um pouco dos sonhos e desejo deles. Foi bastante interessante perceber também que os alunos que já iniciaram o seu processo de alfabetização conseguiram expressar melhor suas ideias.

Para Moraes (2009) ainda hoje, muitos alunos vêem a produção de textos como uma tarefa a ser apresentada à professora em troca de nota, e para que isso não se torne obrigação para o resto da vida, para que isso não aconteça, o professor deve proporcionar metodologias que façam o aluno entender essa importância, o autor cita inúmeros exemplos para auxiliar essa produção.

6.3 Análise linguística

Durante todo semestre, em momentos diversos, trabalhei com um bloco de atividades inspirado em atividades de consciência fonológica, permitindo a percepção de sons, letras e imagens. Adaptei algumas atividades e montei um material de apoio que utilizamos com os alunos durante todo semestre uma vez por semana. Eram jogos impressos e plastificados adaptados por mim, para uso individual. A cartela é composta com quadrados e velcro, para que seja colada a letra, as junções com as vogais e os desenhos com os sons iniciais.

Figura 4 - Atividade com material produzido para o grupo

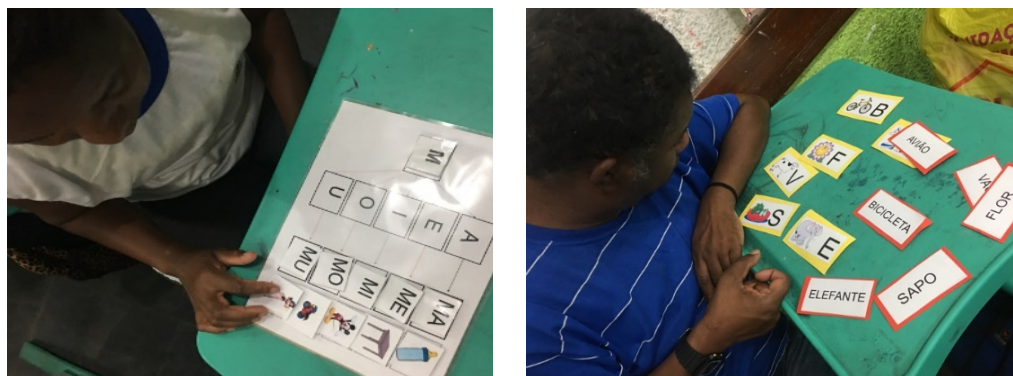


Fonte: O autor, 2018.

Essas propostas baseiam-se na utilização da junção das letras e dos sons que formam quando estão numa mesma sílaba, possibilitam a identificação de figuras e seus respectivos nomes bem como letra inicial de palavras. O trabalho era utilizado sempre ao final das aulas. Cada aluno escolhia uma letra, ficava com uma cartela e depois trocavam entre si. Com o tempo, comecei a pedir aos alunos que estavam mais avançados no processo da escrita para escrever o nome das figuras que eles encontravam de acordo com o som da sílaba inicial. De acordo com Morais (2009) a análise linguística, pressupõe que a língua pode e deve ser tratada como um objeto de conhecimento não somente como um instrumento de comunicação.

Os alunos adoravam o material e mostraram-se encantados quando o utilizaram pela primeira vez. Alguns quiseram levar para casa para treinar. Nas primeiras vezes alguns ainda tinham dificuldade de entender como formariam as palavras a partir do material, mas com o tempo conseguiram realizar com mais autonomia. Alguns possuíam dificuldades em identificar os sons iniciais das figuras.

Figura 4 - Atividade com sílabas iniciais de palavras



Fonte: O autor, 2018.

Avalio que uma dificuldade visível durante o processo foi à resistência dos alunos com o ensino da escrita e leitura. Desse modo, o foco desse trabalho foi o de traçar os caminhos para que pudessem reconhecer as palavras do dia a dia, com ênfase no estudo das unidades menores da palavra, partindo do micro para o macro. De acordo com Vargas e Gomes (2013, p. 454):

O aprendizado, assim, quando bem organizado, é capaz de desencadear vários processos internos de desenvolvimento que só podem ser operados quando a pessoa interage com outros ou em colaboração com seus pares. Ao serem

internalizados, esses processos tornam-se parte das aquisições do desenvolvimento do sujeito, as quais, por sua vez, passam a ser autônomas.

Durante o processo foi perceptível os avanços do grupo. Os alunos começaram a participar mais das aulas, fazendo interferências durante a fala do professor e realizando as propostas. É sabido que o desejo pela aprendizagem, a pouca quantidade de alunos, bem como a experiência prévia dos alunos, são fatores que contribuíram para o avanço do processo. Porém, o horário da aula, o cotidiano de muitos alunos permeado por dificuldades com a família, a presença de drogas, de violência, a falta de trabalho, a ida para a escola depois de um dia cansativo de trabalho foram fatores que contribuíram negativamente para o desenvolvimento do grupo.

O grupo como um todo obteve grandes avanços, o que gerou grandes problemas no último conselho de classe do ano. A partir da perspectiva da educação especial e da avaliação global, todos tiveram muitos avanços, porém, ainda não dominam a leitura e a escrita no âmbito escolar. Desse modo, 80% dos alunos ficaram retidos para que eu pudesse dar continuidade ao trabalho de alfabetização.

A falta de apoio dos profissionais, bem como a ausência de material como papel e cópia, data *show*, certamente atrapalharam o processo. Por vezes, precisei receber alunos de outras turmas devido a falta de professores. Desenvolvi um trabalho mais lúdico, possibilitando novos olhares sobre um assunto, o que considerei como um ponto muito positivo do trabalho realizado.

Porém, os alunos acostumados com a “cópia” sentiam muita falta de copiar atividades no caderno e com letra cursiva, o que eu nunca utilizei nessa turma. Para satisfazer esses alunos, fiz algumas atividades de cópia, mas com a letra bastão.

Assumindo uma perspectiva de uma educação que considera e acompanha os processos individuais de aprendizagem da linguagem escrita identificou-se avanços significativos ao longo da realização das atividades.

De acordo com Arroyo (2005), é possível perceber que ainda temos muito que aprender com a EJA. O autor defende a ideia de partir da visão realista dos jovens, do saber popular e dialogar com esses saberes, percebendo as especificidades das trajetórias, recuperando o foco para a educação. Para o autor, é mais do que necessário articular as trajetórias de vida e as trajetórias escolares dos setores populares, unindo suas experiências ao seu direito a educação no tempo que for, como aluno dos anos iniciais na “idade padrão” ou fora dela.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho me fez questionar sobre as possibilidades da EJA e seus desdobramentos, a falta de política pública, a situação desses alunos no espaço escolar, os interesses e desinteresses. Avalio que em alguns casos, a metodologia do trabalho, a preocupação com alguns conteúdos, como o ensino da letra cursiva, por exemplo, desencadeou a falta de estímulo em aprender. Muitos foram os questionamentos durante o processo de escrita desse trabalho: Como saber se esse era o caminho certo para uma possível alfabetização? Como desconstruir alguns conceitos prévios sobre a escola para esses adultos? Como auxiliar o processo de aquisição de escrita, visto que esses alunos tem muita dificuldade em realizar escritas espontâneas pelo medo de errar?

Avalio que as atividades planejadas contribuíram para despertar o interesse pela leitura e escrita, e apresentar um mundo letrado, de forma simples aos alunos, para que pudessem se considerar pertencentes ao mundo. O projeto teve a participação ativa de todos os integrantes do grupo. Destaco que nesse processo alunos e professora aprenderam.

Considero que a investigação alcançou parte de seus objetivos ao contribuir com a valorização pessoal dos alunos fazendo-os sentirem importantes e pertencentes ao mundo letrado. Durante a realização das atividades, foi necessário ouvir suas vozes e refazer os caminhos para atingir a todos do grupo, sendo de suma importância ter proporcionado experiências que dialogaram com as atividades cotidianas dos alunos.

Posso considerar que a reflexão sobre meu trabalho permeou todo processo, pois a todo tempo pude rever e alterar minhas ações a partir das respostas do grupo. Considero que as atividades em geral, atenderam aos objetivos iniciais, mas avalio que alguns textos não contemplaram a todos os estudantes. Revi minhas ações ao longo das propostas e identifiquei que por vezes minha fala, ou forma de falar, não foi compreendida. Precisei exemplificar e apresentar como cada atividade deveria ser feita em muitos momentos.

Avalio que a execução das etapas, bem como as atividades, pode ampliar o conhecimento dos alunos sobre a leitura e escrita. Ao final do período estudado, alguns já realizavam a leitura a partir de estratégias pessoais e a maioria do grupo já estabelecia a relação fonema-grafema.

Esse trabalho oportunizou grandes experiências significativas e principalmente a elevação da autoestima, porém, é preciso admitir que muitos ainda não estão alfabetizados.

As atividades de estudo da língua escrita continuam sendo realizadas com grupo, mesmo após o término do PRD. Os materiais e jogos confeccionados para o grupo continuam sendo utilizados por duas ou três vezes por semana. Identifico que parte do grupo ainda não percebeu que esses “jogos” se relacionam diretamente com a alfabetização.

A partir das observações e análises dos resultados, percebo que é possível realizar um trabalho que de fato seja significativo para os alunos, mesmo em meio a vários entraves por conta do contexto social em que estão inseridos.

Porém, é importante registrar que para a realização das atividades apresentadas e para obter os resultados almejados, foram necessários investimentos que a escola não oferece ou, quando oferece, o faz de maneira limitada, cabendo ao professor buscar meios e recursos para desenvolver um trabalho em uma escola com poucos investimentos.

Cabe ressaltar também, que as atividades descritas foram apenas um recorte de um processo que aconteceu de junho de 2017 a abril de 2018, que me permitiu acompanhar o desenvolvimento do grupo. Como não era o objetivo do trabalho não realizei uma avaliação diagnóstica nem no início, nem no final. Os resultados obtidos são avaliados diariamente a partir da resolução de questões a própria fala dos alunos.

A primeira atividade foi o suficiente para perceber o real problema a ser trabalhado na turma e reformular ideias, observando melhor os textos trabalhados e as atividades propostas. Com exceção da primeira atividade, que não foi realizada com sucesso, os alunos demonstraram bastante interesse em participar e entusiasmo com as propostas. Atualmente o grupo se coloca de forma diferente, estando mais ligado nas questões escolares e demonstrando maior interesse.

Avalio e continuo trabalhando partindo dessa metodologia utilizando listas, palavras geradoras problematizadoras, buscando trazer a realidade para dentro do cotidiano escolar. Continuo atuando a partir das unidades menores da palavra e que a partir dela desenvolvem-se novas propostas e de acordo com as minhas observações, posso admitir grandes avanços no que quis respeito do aluno como sujeito, a percepção sonora, porém, mais uma vez, afirmo que o processo de alfabetização ainda não se encerrou, e eles ainda não conseguem compreender a necessidade do registro escrito do

que já sabem, sendo necessário ainda, aprofundar questões e situações que a escola não braços para alcançar, como, por exemplo, situações de acompanhamento médico.

Espero que a reflexão desta pesquisa possa contribuir com outras práticas docentes não só da EJA, além de acreditar que devemos investir em propostas educacionais que promovam a interação do grupo, participação, contextualização e problematização das atividades, bem diagnosticar o que de fato a turma necessita para começar. Tanto a EJA quanto o ensino fundamental regular necessitam desse olhar para a turma em questão. Posso dizer que aprendi muito com os questionamentos dos alunos e com as respostas não esperadas de algumas proposições feitas por mim e que estas foram balizadoras para conseguir avançar nas questões propostas.

REFERÊNCIAS

ARROYO, M. Educação de Jovens e Adultos: um campo de direitos e responsabilidade pública. In: SOARES, L.; GIOVANETTI, M. A.; GOMES, N. L. (Orgs.). **Diálogos na educação de jovens e adultos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005, p.19-50.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988. Disponível em: <www.planalto.gov.br>. Acesso em: 20 jul. 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. Lei 9394, de 20 de dezembro de 1996. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível em: <www.planalto.gov.br>. Acesso em: 20 Jul. 2017.

FERREIRO, Emília. **Com Todas as Letras**. São Paulo: Cortez, 2011.

FREIRE, Paulo. **A educação na cidade**. São Paulo: Cortez, 1991.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 43. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 54. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

_____. **A Importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 1989.

GARCIA, Inez Helena Muniz; SOUZA, Marta Lima de. Linguagem escrita de adultos: análise de avaliação e atividades didáticas. In: GOULART, C. M. A.; WILSON, V. (Orgs.). **Aprender a escrita, aprender com a escrita**. São Paulo: Summus, 2013.

HADDAD, S.; DI PIERRO, M. C. Escolarização de jovens e adultos. **Rev. Bras. Educ.**, São Paulo, n. 14, p. 108-130, 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n14/n14a07.pdf>>. Acesso em: 30 jun. 2017.

MORAIS, Artur Gomes. **Ortografia: ensinar e aprender**. São Paulo: Ática, 2009.

MOREIRA, Herivelto; CALEFFE, Luiz Gonzaga. **Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.

PINTO, Álvaro Vieira. **Sete lições sobre educação de adultos**. 7 ed. São Paulo: Cortez; Autores Associados, 1991.

PLETSCH, Marcia. Educação especial e inclusão escolar: uma radiografia do atendimento educacional especializadas nas redes de ensino da Baixada Fluminense /RJ. **Ci. Huma. e Soc. em Rev.**, Rio de Janeiro, v. 34, n.12, p. 31-48, jan.-jun, 2012.

TELES, D. Araújo; SOARES, M. P. S Beserra. Educação de Jovens e Adultos: desafios e possibilidades na alfabetização. **Revista Educação e Emancipação**, São Luís, v. 9, n. 1, p. 80-102, jan./jun. 2016. Disponível em:

<<http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/reducacaoemancipacao/article/view/4980>>. Acesso em: 30 jun. 2017.

VARGAS, P. Guimarães; GOMES, M. Cardoso. Aprendizagem e desenvolvimento de jovens e adultos: novas práticas sociais, novos sentidos. **Revista Educação Pesquisa**, São Paulo, v. 39, n. 2, p. 449-463, abr./jun. 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v39n2/aop937.pdf>> Acesso em: 5 de jul. de 2017.

APÊNDICE A – MEMORIAL CIRCUNSTANCIADO

Escrever um memorial é sempre um desafio, mas por ora, o que posso dizer é que sou Pedagoga formada na Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ (2013), especializada em Gestão e Planejamento Educacional pela Universidade Candido Mendes – UCAM (2014). Concluinte do Programa de Residência Docente do Colégio Pedro II (2017), formadora do Pacto pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC) e atualmente Mestranda em Educação pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), na linha de pesquisa Contextos Contemporâneos e Demandas Populares. A linha de pesquisa do grupo que faço parte trata das Desigualdades Sociais e Políticas Educacionais e minha pesquisa tem como objeto de estudo a formação do profissional do ciclo nas escolas do campo do município de Nova Iguaçu. Meu nome é Isabella de Mello Leite, 27 anos, moradora de Queimados, baixada fluminense do Rio de Janeiro.

Iniciei minha formação no Colégio Católico Cenecista Dr. Pedro Jorge, em Queimados, onde cursei as séries iniciais do ensino fundamental até a 7ª série. No final do segundo segmento e ensino médio ingressei no curso de Formação de Professores no Centro Educacional Manuel Pereira, em Queimados. Nessa instituição me interessei com mais afinco pelas questões educacionais, sociais e políticas relacionadas a educação. Nesse período, participei de muitas atividades enquanto discente que vão desde a atuação no jornal da instituição até outras atividades que me renderam muitas oportunidades de conhecimentos e possibilidades enquanto aluna do curso.

Sou filha primogênita dos meus pais. Meu pai é funcionário público federal e minha mãe funcionária pública municipal, tendo sido bancária por muitos anos. Minha família, em sua grande maioria, é de professores, moradores da Baixada Fluminense. Recebi uma educação que considero heterodoxa, pois fui alfabetizada pelas minhas avós em casa antes mesmo de ir à escola. Aos quatro anos de idade já realizava minhas primeiras leituras e iniciava o contato como o mundo dos livros.

Em toda minha trajetória de formação, pude ter a experiência de diversas leituras e reconhecer a importância de estudar, pois tinha um exemplo muito importante em casa. Meu pai me incentivava a buscar uma vida acadêmica. Sou a neta mais velha da família, cresci com meus quatro avôs e uma bisavó. Sinto que a presença e palavras dessas pessoas influenciaram na forma como eu me colocava no mundo hoje. Tive uma criação muito questionadora, buscava resposta para os meus “porquês” e obtinha muitas respostas, sempre fui ouvida e pude da mesma forma dizer o que sentia e sabia.

Ao quatorze anos, escolhi entrar para o Curso de Formação de Professores e foi a primeira vez que eu tive que decidir algo de muita importância: meu futuro. E nesse momento precisei convencer meus pais que eu sabia o que eu queria. Eles não aceitaram minha escolha, queriam que eu tivesse formação geral e global que me desse a base para o vestibular. Só consegui convencê-los – após muito custo – ao longo do curso no Centro Educacional Manuel Pereira. Nesse espaço, cursei as disciplinas do ensino médio (no turno da manhã) e as referentes à formação de professores (no horário intermediário e no turno da tarde), e ainda cumpria os tempos destinados aos dois estágios obrigatórios, que eram realizados nessa mesma instituição.

Em 2007, aos dezesseis anos me formei e no mesmo ano fiz meu primeiro vestibular para UERJ. Fui aprovada na primeira fase e escolhi a graduação desejada, Pedagogia. Precisei convencer minha família mais uma vez de que era essa formação que eu desejava.

Mas, nem tudo foram flores, durante a minha primeira graduação pude ir a alguns Encontros Nacionais de Estudantes (ENEPe) assim como em congressos de caráter acadêmico. Durante esse período, fiz parte do Centro Acadêmico e tinha a intenção de ser Pedagoga Militar, até o dia que entrei na escola pública pela primeira vez. Naquele instante descobri o que me faria feliz. Estagiei, enfrentei algumas grandes greves, fiz minha monografia (mudei o tema algumas vezes), mas me formei.

Minha formação acadêmica inclui Graduação em Pedagogia, concluída em 2013 (UERJ), uma pós-graduação *Latu Sensu* em Gestão e Planejamento Educacional pela UCAM (2014). Nos dois trabalhos de conclusão de curso, tratei da introdução da Gestão Democrática nas Escolas Públicas da baixada fluminense, lugar que ainda hoje trás resquícios de uma política com características coronelista, principalmente no âmbito educacional.

No ano de 2011, assumi uma turma de alfabetização na Prefeitura Municipal de Queimados e em 2012, passei para o Concurso de Professor II da Prefeitura de Nova Iguaçu. Nesse período, me dediquei aos estudos relacionados à área de Alfabetização e Letramento. Participei do programa de formação do PRO-LETRAMENTO em Linguagens e Alfabetização Matemática e do PACTO NACIONAL DE ALFABETIZAÇÃO NA IDADE CERTA (PNAIC), ministrados pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) em parceria com a Secretaria de Educação.

No início do ano de 2015 fui convidada para ser Orientadora Pedagógica de uma Escola de Campo de Nova Iguaçu e no início do ano de 2016 comecei a cursar

Licenciatura em Educação no Campo pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), com o intuito de compreender alguns questionamentos oriundos de minha prática pedagógica. Para compor um projeto de pesquisa para o mestrado, me debrucei nos estudos relacionados a Formação do Professor da Rede Pública de Ensino nas Escolas Rurais de Nova Iguaçu. Concluí o curso e em seguida busquei o aprofundamento nessa temática.

No ano de 2016, participei de alguns processos seletivos para o mestrado, PPGEA – Educação Agrícola e PPGEDUC na UFRRJ, porém sem sucesso. No primeiro programa PPGE fui aprovada em todas as fases, ficando reprovada na entrevista. No segundo programa fui aprovada na prova teórica com boa nota, sendo reprovada no projeto por apenas dois décimos. Ambas as reprovações me fizeram repensar na minha prática, me trouxeram muitas aprendizagens e me fizeram refletir sobre meus caminhos de formação.

Em 2017, participei de dois cursos de especialização em Educação Especial, uma na UFRJ gerenciada pelo LAPEADE com foco nas leis e na Cultura da Inclusão e outra na UFRRJ gerenciada pelo OBEE- RJ com ênfase nos estudos da prática docente. Em ambas, pude sentir o quanto ainda precisamos falar sobre educação, currículo, formação continuada e formação de professores. Identifiquei que esses eixos perpassam meus estudos e se desdobram em muitos temas que ainda precisam ser debatidos em muitos espaços em que atuo

Sou professora da Rede Pública de Ensino há sete anos. Em Queimados, durante cinco anos estive como professora do ciclo, considerando-me professora Alfabetizadora. Nessa mesma rede de ensino, em meu segundo ano de docência, devido a bons resultados da minha turma, recebi um convite da direção da escola e assumi o cargo de Orientadora Pedagógica. Em Nova Iguaçu, tive a oportunidade de atuar em escolas afastadas do centro, consideradas Escolas Rurais, que atualmente são reconhecidas como Escolas do Campo pelo MEC, devido ao difícil acesso. Em ambos os espaços escolares enfrentamos a falta de apoio do poder público, bem como ausência dos serviços básicos essenciais, como, por exemplo, postos de saúde. Tal descaso fica obvio, quando em nossa realidade, nos deparamos com alunos que necessitam de acompanhamento médico, que possuem algum tipo de deficiência ou uma necessidade especial e não conseguem atendimento.

Passando por cima de todas essas dificuldades, me descobri professora e me intitulei professora alfabetizadora, pois sempre estive atuando em turmas do ciclo, não

alfabetizadas e consideradas “problemas”, com distorção série-idade e com dificuldade de aprendizado/comportamental.

Na trajetória de minha vida profissional sempre busquei me profissionalizar para consolidar a difícil tarefa de educar, e para tanto é necessário processar o mundo novo de informações, que surgem a todo tempo. É nesse sentido que focalizo uma visão ampla suscitando novas inquietações e reflexões, sempre com o objetivo de provocar novos olhares e novos fazeres. Por fim, acrescento que quanto mais aprendo mais posso auxiliar a construção do conhecimento, tanto para alunos, quanto para professores, porque compreendo que é preciso aprender sempre mais. Aprender mais para servir melhor. Considero e acredito que em minha história me apaixonei pela educação desde o primeiro momento em que entrei numa sala de aula.

No período que eu estive fora de sala, como Orientadora Pedagógica em Nova Iguaçu, senti falta do contato diário com os alunos. Recebi um novo convite e aceitei uma turma de Alfabetização de Jovens e Adultos. Esses alunos e alunas são atualmente os sujeitos que tem despertado em mim o interesse pelos estudos na área do ensino e aprendizagem da leitura e escrita.

O ingresso na especialização no Colégio Pedro II (CPII), o Programa de Residência Docente (PRD) me incentivou a continuar acreditando na educação pública de qualidade, mostrando-me o quanto bons professores, com apoio educacional, recursos materiais e tecnológicos lecionando em turmas que não são superlotadas, podem fazer acontecer. Admito que muitas das vezes me senti decepcionada também, quando comparava a minha realidade com a do CPII, um misto de emoções entre felicidade e tristeza dentre muitas porquês...

Na Residência docente, conheci professores incríveis, participei de muitas oficinas, palestras e minicursos, não tendo frequentado mais por causa dos horários, mas, consegui participar de quase todos que me interessaram. Estar nesse local, com outros residentes, que também acreditam numa educação de qualidade é um privilégio.

O Programa de Residência Docente é dividido em 3 ciclos, nos quais o residente precisa cumprir uma carga horária de cursos, sala de aula e atividades docentes. Durante o primeiro ciclo, participei dos seguintes cursos, oficinais e palestras:

- Oficina de voz – Martha- fonoaudióloga
- Produção de texto acadêmico-Prof.^a Aira Suzana
- Direitos Autorais: Apresentação de citações e elaboração de referências – técnicos- Francisco e André

- Aprendendo a Fazer: Agindo em Educação- NAPNE de Realengo
- O uso das Redes Sociais a favor da educação – Prof.^a Elisabeth Paes e Ramona Halley
- Educação para Surdos – Prof.^a Camila Machado

No segundo ciclo, devido aos horários das oficinas, não pude participar de todos que gostaria, desse modo os cursos, oficinais e palestras que estive presente foram:

- Metodologia Científica – Francisco

No terceiro e último ciclo, não precisei fazer nenhuma atividade, pois já havia concluído toda minha carga horária.

De todos os pontos positivos do PRD, o que mais me encantou foi a preparação para o Mestrado. Essa especialização me preparou tanto psicologicamente quanto academicamente para tentar o processo seletivo do mestrado e acreditar que atualmente estou preparada para assumir esse compromisso, o que é um sonho, sonhado durante toda minha trajetória educacional.

As conscientes escolhas, dos caminhos que percorri e suas consequências foram arriscadas, mas não me arrependo, pois elas me proporcionaram crescimento pessoal e profissional. As dificuldades enfrentadas no âmbito escolar permitiram-me ser forte para enfrentar as diversas situações que a própria vida se encarrega de apresentar. Sei que nem de longe atingi tudo que desejo, porém, em cada degrau de cada conquista me faz sentir feliz e um pouco mais realizada. Após cada sonho alcançado, novos sonhos passam a me motivar em busca de novas conquistas. E através da escrita desse memorial, percebo que toda minha trajetória permeada pela persistência e amor pela educação.

A escolha do meu tema de estudo se deve ao fato de em junho desse ano eu ter assumido uma turma de Alfabetização de Jovens e Adultos, na II fase da EJA. Estar com esse grupo de alunos me despertou muitas inquietações.

A turma em questão no primeiro semestre era composta por 23 alunos. Nos últimos meses, seis deles foram promovidos para próxima fase, ficando apenas dezessete na turma. Atualmente quatorze frequentam regularmente as aulas. Identifico a presença de um grupo de onze alunos que apresentam algum tipo de comprometimento. Grande parte nunca teve a oportunidade de ser avaliados pelo sistema de saúde.

Minhas inquietações giram em torno da alfabetização desses alunos. Observo que a dificuldade maior está na aprendizagem de conteúdos relacionados a leitura e escrita. Como alfabetizar esses alunos que resistem em participar de atividades comuns de sala, como leitura de livros e escrita de textos?

Na volta do recesso comecei a observar que o trabalho com textos não estava sendo muito satisfatório para o grupo de um modo geral. A partir de então, comecei a tentar usar listas presentes na vida deles como lista de compra, de materiais e também apresentei alguns textos com receitas. Senti, nesse momento, que o interesse começou a surgir e que alguns após muita insistência tentavam ler o que estava escrito, mesmo que algumas vezes não tivessem sucesso. Por esse motivo, decidi realizar e registrar propostas de alfabetização voltadas para a análise de palavras e do trabalho textos. Dessa forma, meu projeto final está baseado na Alfabetização desses adultos a partir da análise linguística das palavras do seu cotidiano.

Até o momento o trabalho tem caminhado e possui resultados positivos, a pedido deles, inseri o livro didático, era um pedido geral a utilização do livro, mas consegui com a escola um livro de alfabetização do 1º ano, de crianças, pois, além de muito colorido, tem trabalhos manuais como recorte, colagem e atividades diversificadas. O orgulho em ter um livro tem elevado a autoestima do grupo.